

## Crise econômica pega o Brasil no auge do ciclo de avanços sociais

(Fernando Dantas e Wilson Tosta)

IBGE aponta queda na desigualdade e no desemprego e aumento da renda, embora ainda abaixo do nível de 1998

### RIO

Último retrato do Brasil antes do aprofundamento da crise mundial, em setembro do ano passado, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2008 mostra o País

No auge de uma fase de avanços de quase cinco anos. Houve recorde na criação de empregos formais e continuidade na redução da desigualdade, no aumento da escolarização de jovens e na redução do trabalho infantil. Mas a amostra também revela problemas. Caiu o ritmo de redução da desigualdade de renda do trabalho. Houve pouco avanço na redução do analfabetismo – a taxa até subiu na Região Sudeste. Em alguns Estados, houve queda na proporção de crianças matriculadas na escola. E, embora a renda tenha crescido mais uma vez, como ocorre desde 2005, o trabalhador ainda ganha, em média, menos do que em 1998.

A sondagem, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também informa que, pela primeira vez, a soma de pardos e pretos já representa a maioria absoluta da população (50,6%), mas caiu tanto a parcela de brasileiros que se assumem como negros quanto a de brancos. “A desigualdade continua caindo. A velocidade, como já se esperava, não manteve o ritmo em que se encontrava, mas o nível médio de renda de todos os grupos da população cresceu”, afirmou o presidente do IBGE, Eduardo Pereira Nunes.

### DESEMPREGO

Na Pnad 2008, a taxa de desemprego de 7,1% registra a maior baixa desde 2001 (na realidade, desde 1996, mas aí é preciso usar a taxa sem a zona rural da Região Norte, que em 2008 foi de 7,2%). Além disso, o aumento do número de carteiras assinadas foi de 2,1 milhões, ou 7,1%, e há um grande aumento tanto da população economicamente ativa quanto da população ocupada – neste último caso, de 2,5 milhões, ou 2,8%. A renda média, por sua vez, prossegue no processo de expansão iniciado em 2004, e a desigualdade cai pelo sexto ano consecutivo (e até pelo décimo, no caso da renda domiciliar), mas ainda não foi o suficiente para fazer o trabalhador brasileiro retornar ao nível alcançado em 1998. Na renda do trabalho, há uma desaceleração no ritmo de crescimento e de queda da desigualdade, na comparação com 2007 e outros anos precedentes. O pesquisador Ricardo Paes de Barros, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ficou animado com os resultados. “A primeira impressão é boa: a desigualdade cai, a renda sobe, o desemprego cai, a Participação no mercado de trabalho sobe; parece ser tudo o que todo mundo pediu a Deus, uma melhora generalizada na qual os pobres ganharam ainda mais que os outros”, diz, ressaltando que ainda não analisou os dados de forma aprofundada.

Ex-presidente do IBGE, o economista Sérgio Besserman constata que a Pnad 2008 reflete “o pico de um ciclo que acabou com a crise”. E pondera que o avanço econômico, puro e simples, não garante melhorias na desigualdade. “Falta uma política estruturante de distribuição do conhecimento”, comenta. Segundo os cálculos de Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a pobreza caiu 12,07% em 2008, para um nível de 16,02% da população. A queda foi um pouco acima da redução média anual desde 2003, de 10,6%. Em 2003, a pobreza atingia 28,05% da população, de acordo com os critérios do CPS.

### EDUCAÇÃO

Na educação, a Pnad mostra o aumento de 97% para 97,5% na proporção de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos frequentando a escola, dado que se conjuga com a queda no trabalho infantil – de 2007 para 2008, quase 400 mil jovens de 5 a 17 anos deixaram de trabalhar. Nos dois casos, porém, os índices se mostraram com distorções e desigualdades. Em seis Estados – Roraima, Santa Catarina, Pernambuco, Alagoas, Goiás e Rio Grande do Norte –, houve redução na proporção de jovens matriculados na escola. E o trabalho dos mais jovens, com idades de 5 a 9 anos, passou de 1% para 0,9% de um ano para o outro. “Não caiu nada”, criticou a professora Rosana Morgado, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa também revela a continuidade do processo de envelhecimento da população brasileira, acelerado pela contínua queda da taxa de fecundidade, que saiu de 1,95 filhos por mulher em 2007 para 1,89 em 2008. A Pnad foi a campo em setembro do ano passado, mês do colapso do Lehman Brothers, que deflagrou o pior da crise mundial. Mas os 2,5 mil pesquisadores, que ouviram 391 mil pessoas em 150 mil domicílios, não captaram os efeitos da crise, que só começaram a ser sentidos na economia real em meados do último trimestre do ano passado.

Uma crise na hora certa e um susto de US\$ 40 bilhões

Rui Nogueira

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) expôs o excepcional ritmo de crescimento do Brasil pré-crise, vai deixar o presidente Lula eleitoralmente ainda mais eufórico, mas também ajuda a explicar os temores do governo por

trás da blague da “marolinha”. A verdade é que Lula temeu, antes da crise, que o crescimento ficasse entalado no gargalo da infraestrutura. E temeu, depois do estouro brutal da crise, em setembro de 2008, que meia dúzia de empresas brasileiras, grandes exportadoras, acendessem o rasilho de uma grave crise financeira. Em uma reunião com assessores, Lula confessou o primeiro temor. O presidente disse que a crise “chegara em boa hora”. E completou o raciocínio admitindo que estava difícil conciliar a demanda por infraestrutura com o crescimento econômico acelerado – com o PIB podendo dar um pulo de 7% ao final de 2008. “Lula é tão sortudo que ganhou uma crise na hora certa para escapar de um apagão”, relatou um dos ministros mais próximos do presidente ao contar ao ‘Estado’ a reunião em que Lula disse reservadamente o que não admite em público. O presidente está festejando agora a previsão da “marolinha”, mas o Brasil também esteve à beira de enfrentar uma crise financeira gravíssima. Na primeira semana de outubro, quando Meirelles e o ministro da Fazenda, Guido Mantega, já estavam em São Paulo, e se preparavam para embarcar rumo a Washington, onde participariam das reuniões do G-20 e do FMI, Lula mandou pegar um jatinho e voltar correndo para Brasília. Um mês depois da crise, quando o BC já havia contabilizado o tombo das grandes empresas exportadoras com os derivativos, Meirelles botou na mesa uma conta na casa dos US\$ 40 bilhões e a certeza de que, se o BC não agisse fornecendo a necessária enxurrada de dólares, parte do sistema financeiro e as empresas iam à lona. Algumas exportadoras haviam jogado nos derivativos a produção e lucro de até quatro anos. Sim, quatro anos. O presidente Lula tremeu e suou. Oficialmente, Mantega e Meirelles voltaram para Brasília, naquele dia 9 de outubro de 2008, porque Lula precisou “dar orientações” sobre como eles deveriam agir nas reuniões dos EUA.

A Pnad é o mais amplo levantamento sobre a realidade do País. Apura características domiciliares em relação ao acesso a bens e serviços, educação, trabalho e renda. Tudo associado a aspectos demográficos, como fluxo migratório e taxa de natalidade. Em 2008, dois mil pesquisadores entrevistaram 391.868 pessoas em 150.591 domicílios.